

Sistema de cotas da UERJ completa uma década com indicadores positivos

Estudo realizado em 2012 pela Coordenadoria de Articulação e Iniciação Acadêmicas (CAIAC), subordinada à Sub-reitoria de Graduação, aponta que entre 2003 e o primeiro semestre de 2012 ingressaram na Universidade 47.540 estudantes, dos quais 31.605 não cotistas e 15.935 cotistas (6.995 negros, 8.673 da rede pública e 267 deficientes, indígenas ou filhos de policiais, bombeiros e inspetores de segurança mortos ou incapacitados em serviço). O quantitativo corresponde a 34% de cotistas e 66% de não cotistas. Com relação ao número de concluintes foram 7.028 não cotistas e 6.869 cotistas (22% e 43% dos cursantes, respectivamente). A análise assinala ainda que o percentual de evasão entre os cotistas é menor do que entre não cotistas (20% contra 33%).

> Páginas 8 e 9



Universidade recebe autorização de ministério para abrir escritório na Itália

Autorizado pelo Ministério da Educação, da Universidade e da Pesquisa – MIUR (órgão equivalente ao Ministério da Educação no Brasil e responsável pela filiação de universidades estrangeiras), a representação da UERJ vai possibilitar o desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão em conjunto com instituições italianas.

> Página 3



Laboratório de diagnósticos por DNA estimula ciência forense

Coordenado pelo professor Elizeu Fagundes de Carvalho, o Laboratório de Diagnósticos por DNA desenvolve projetos na área da segurança pública com incentivos da Faperj, do Tribunal de Justiça e do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro. Com o deslocamento da equipe de coleta pelas várias regiões do estado do Rio, o comparecimento dos interessados chega a 100% dos atendimentos.

> Página 16

Novo Museu do Cárcere

Integradas ao Ecomuseu, as novas instalações na Ilha Grande estão abertas para exposições de moradores da comunidade de Vila Dois Rios.

> Páginas 6 e 7



Restaurante Universitário

Um ano depois da sua inauguração, cardápio diversificado e balanceado, acompanhado por professoras da Nutrição, é o diferencial do RU da UERJ.

> Páginas 10 e 11

Maqua

Exposição de fotos e vídeos no Encontro das Águas - Espaço Ambiente, na Lagoa Rodrigo de Freitas, pretende ajudar na preservação de golfinhos, baleias e outros mamíferos aquáticos.

> Página 15



> EDITORIAL

Integração & comemoração

Há dez anos, no vestibular de 2003, a UERJ implantava o sistema de cotas na Instituição reservando 50% das vagas para estudantes que haviam cursado o ensino médio em escolas da rede pública. Levantamento realizado pela SRI em 2012 mostra que entre 2003 e o primeiro semestre de 2012 ingressaram na Universidade 47.540 estudantes, dos quais 15.935 cotistas. Depois de um debate nacional sobre a questão das cotas, o *Em Questão* traz uma reportagem sobre o pioneirismo da UERJ, no mesmo mês em que as universidades federais começam a receber cotistas integrados ao seu corpo discente.

Outro texto em destaque nesta edição anuncia o novo momento no processo de internacionalização da Universidade, que a partir de abril terá um escritório na Itália autorizado pelo Ministério da Educação, da Universidade e da Pesquisa – MIUR. Isso habilita a UERJ a desenvolver atividades inéditas de ensino, pesquisa e extensão na Itália. Dois eventos culturais relevantes integram esta edição: a inauguração das novas instalações do Museu do Cárcere no *campus* da UERJ na Ilha Grande, que aumenta a diversidade de exposições e contribui para a interação da comunidade de Vila Dois Rios com os projetos da Universidade, e a exposição “Rio, Mar de Golfinhos”, que levou para o Encontro das Águas – Espaço do Ambiente, na Lagoa Rodrigo de Freitas, uma mostra interativa sobre os mamíferos aquáticos do litoral fluminense, como o boto-cinza e as baleias, estudados pela Oceanografia.

O leitor também tem acesso ao histórico do primeiro ano de funcionamento do Restaurante Universitário, com o depoimento de usuários a explicação de como o cardápio é elaborado pela equipe de especialistas do Instituto de Nutrição com alimentos balanceados. Outro destaque está na matéria sobre a primeira mulher que chega ao posto de contra-almirante da Marinha: a médica formada pela UERJ Dalva Maria Carvalho Mendes, que também é a primeira mulher a ocupar um cargo de oficial general das Forças Armadas no Brasil.

Outro exemplo da pesquisa desenvolvida na nossa Universidade está no texto sobre o Laboratório de Diagnósticos por DNA, que se destaca pela realização de perícias criminais, judiciais e de paternidade e pelo estudo sobre a estruturação do patrimônio genético da população brasileira. Finalmente, o leitor poderá conhecer um pouco mais sobre o céu na matéria que tem origem no Instituto de Física e apresenta a Olimpíada Brasileira de Astronomia e a Mostra Brasileira de Foguetes, dois projetos que estão incentivando o ensino prático e experimental de Astronomia e Astronáutica nas escolas de todo o país. Nossos desejos de uma boa leitura!

> PELOS CAMPI

Fachada do prédio central no *campus* Maracanã passa por recuperação estrutural

Está em andamento desde setembro de 2012 a obra de recuperação estrutural da fachada do Pavilhão João Lyra Filho, no *campus* Maracanã. A reforma está sendo realizada para impedir a corrosão da estrutura do prédio e para evitar acidentes como queda de partes danificadas da fachada, que podem causar ferimentos em pessoas e danos a veículos estacionados no *campus*. O custo da recuperação estrutural está estimado em R\$ 1,6 milhão. Quinze operários contratados pela Pires Giovanetti, empresa sediada em São Paulo que venceu o pregão eletrônico para executar a obra, fazem o serviço. A reforma está sendo acompanhada pelo Departamento de Manu-



tenção, Obras e Projetos (Demop), vinculado à Prefeitura dos Campi.

A recuperação da estrutura demanda várias etapas: primeiro é feito a lavagem da fachada para remover a sujeira acumu-

lada ao longo dos anos, provocada principalmente pela poluição. Depois as paredes são lixadas, é feita outra limpeza e em seguida o estuque (técnica utilizada para regularizar os poros do concreto),

que passa novamente por lixamento para tirar o excesso. Depois da limpeza final é aplicado um hidrofugante, substância que tem a função de impermeabilizar o concreto. Antes desse processo, porém, foram removidas todas as partes de concreto que haviam se desgastado e soltado com o decorrer do tempo.

Há cerca de quatro anos uma parte da fachada do prédio já havia sido recuperada. Futuramente haverá nova licitação para reformar a fachada de outros blocos do Pavilhão João Lyra Filho. O Demop está fazendo um mapeamento das áreas que necessitam de manutenção para que prédios de outros *campi* também sejam recuperados.

FFP realiza Seminário de Educação com participação de alunos e professores

A fim de promover um debate coletivo sobre o curso de Pedagogia, a Faculdade de Formação de professores de São Gonçalo realizou nos dias 23 e 24 de janeiro o III Seminário do Departamento de Educação destinado a alunos e ao corpo docente da Faculdade. A proposta do evento foi refletir sobre temas como: matriz curricular do curso de Pedagogia, pesquisa e produção de conhecimento, proces-

DIVULGAÇÃO



sos formativos e profissionalizantes, e também estimular o debate sobre políticas de comunicação para a educação.

Quatro grupos de trabalhos abordaram questões distintas no âmbito

da educação: o GT1 tratou da estrutura, da carga horária, da grade de disciplinas e de pré-requisitos para o curso de Pedagogia; o GT2 discutiu a produção de conhecimento em projetos de pesquisa

e monografias; o GT3 fez uma avaliação dos processos formativos, entre os quais a leitura e a escrita, e o GT4 abordou a dinâmica do curso de Pedagogia, a rede de informações e a relação entre professores e alunos de Pedagogia. Com um público de 280 participantes, o Simpósio foi encerrado com a leitura dos relatórios dos debates em cada GT, seguido de uma atividade cultural da qual participaram os presentes.



Reitor: Ricardo Vieira Vice-Reitor: Paulo Roberto Volpato

Diretoria de Comunicação Social • Direção: Sonia Virgínia Moreira UERJ em Questão – Edição de texto: Sonia Virgínia Moreira Pauta e redação: Graça Louzada Reportagem: Andréia Rêgo, Fausto Jr., Janaína Soares, Mariana Pelegrini, Mayana Garcia e Ricardo Nicolay Estagiário: Daniel Alves Fotos: Thiago Facina Projeto Gráfico e Editoração: Rafael Bezerra

Tiragem: 10.000 exemplares Impressão: Infoglobo • Contatos: 21 2334-0638 e comuns@uerj.br

The typeface Ingleby is designed by David Engelby and is available at dafont.com. David Engelby has the creative, intellectual ownership of the original design of Ingleby

Acordo com ministério italiano faz da UERJ a primeira universidade brasileira com escritório na Itália

Em abril de 2013 a UERJ irá oficializar um passo importante para o seu processo de internacionalização: a Universidade terá um escritório na Itália, autorizado pelo Ministério da Educação, da Universidade e da Pesquisa – MIUR (órgão equivalente ao Ministério da Educação brasileiro e responsável pela filiação de universidades estrangeiras), o que vai possibilitar o desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão em conjunto com instituições italianas.

O convite para a instalação de um escritório na Itália partiu da Fundação RAS, instituição que vai operar como uma espécie de tutora: “Essa parceria tem um significado importante para a UERJ porque seremos a primeira universidade estrangeira em muitos anos a receber autorização do governo italiano para manter um escritório próprio naquele país e assim desenvolver atividades de ensino, pesquisa e extensão”, explica a Sub-reitora de Extensão e Cultura, Regina Henriques, responsável por esse processo. Ela acredita que a cooperação será benéfica em razão das parcerias já existentes com instituições italianas e também porque vai facilitar outras ações da UERJ junto a esses parceiros, com a abertura de outros campos de atuação.

A presença oficial da UERJ só foi permitida pelo governo italiano devido à adesão da Fundação RAS, que vai acompanhar as atividades promovidas pela Universidade. “A RAS, como fundação de proteção de bens arqueológicos públicos sem fins lucrativos, é reconhecida na Itália pela sua atuação nas áreas de arqueologia, turismo cultural e promoção da região do Mediterrâneo e isso nos abriu muitas portas”, diz a Sub-reitora. Essa parceria vai envolver as áreas de Turismo, Zoologia, Oceanografia, Geologia, Geografia,



A primeira visita formal dos representantes da UERJ, professores Ricardo Lima e Regina Henriques (à dir.), à Università Degli Studi di Napoli L'Orientale, acompanhados do dr. Ugo Di Capua, representante da Fundação RAS (à esq.)



Química, Física, História, Arte e Engenharia. Com a presença da UERJ na Itália, os contatos com as universidades italianas vão dispensar os convênios formais,

possibilitando a ida de alunos e professores da UERJ, bem como a utilização de laboratórios e a participação de pesquisadores em projetos já existentes.

criar uma associação na Itália, com a UERJ como coordenadora: “Em minha última viagem à Itália pude perceber o quanto representantes de museus, universidades e instituições da área arqueológica estão felizes em poder trabalhar mais próximos da UERJ”.

Os resultados da cooperação com a Fundação RAS começam a surgir: a Universidade foi convidada a participar de investigações internacionais de monitoramento ambiental pela Estação Zoológica Anton Dohrn (em Nápoles e na ilha de Ischia), considerada um dos melhores centros de pesquisa de biologia marinha e ecologia. A estação zoológica de Ischia ofereceu a pesquisadores da UERJ a possibilidade de participar de um seminário em abril, quando serão instituídos os protocolos de cooperação e apresentados trabalhos de estudiosos brasileiros e italianos. A Universidade de Nápoles L'Orientale também se interes-

sou em estabelecer parcerias com a UERJ para oferecer cursos de português. A UERJ já fez a versão em português do catálogo bilíngue da exposição sobre Pompeia e Stabiae e a Sub-reitora adianta que a Universidade foi convidada para fazer a tradução para o português do livro *Pompei – Immagini e Ricostruzioni Dell'Antica Città Sepolta Dal Vesuvio*, que é vendido aos turistas que visitam Pompeia. O Museu Correale di Terranova também mostrou interesse de realizar na UERJ uma exposição com o seu acervo, que reúne mobiliários e porcelanas, e existe a possibilidade de ser montada outra exposição com materiais de Stabiae, desta vez envolvendo recursos brasileiros e italianos sobre alimentação. Em abril será inaugurada em Nápoles a exposição com máscaras e vestimentas da Folia de Reis, com organização da UERJ – a intenção é que a mostra circule depois pela Itália.

Regina Henriques informa que a Fundação RAS doou o espaço físico localizado no Golfo de Nápoles que funcionará como escritório da UERJ. A intenção é que futuramente outras universidades brasileiras sejam convidadas para

criar uma associação na Itália, com a UERJ como coordenadora: “Em minha última viagem à Itália pude perceber o quanto representantes de museus, universidades e instituições da área arqueológica estão felizes em poder trabalhar mais próximos da UERJ”.

Projeto incentiva ensino de Astronomia e Astronáutica em escolas do país

“Precisamos olhar mais para o céu”, diz o professor João Canalle, do Instituto de Física da UERJ, astrônomo e membro da Sociedade Astronômica Brasileira (SAB), ao defender a importância do ensino prático e experimental de Astronomia nas escolas públicas e particulares, de ensino fundamental e médio, em todo o país. O professor coordena o projeto da Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronáutica (OBA), em sua 16ª edição, que está modificando a forma de ensinar Física nas escolas brasileiras.

Dados do Ministério da Educação contabilizam cerca de 200 mil escolas públicas e particulares em todo o país, mas “a grande maioria é rural, pequena e está localizada em locais de difícil acesso, sem endereço ou e-mail”, diz o professor. A comissão organizadora da Olimpíada convidou 80 mil escolas que possuem endereço ou e-mail para participarem da edição 2012 do evento que acontece desde 1998. A Astronáutica foi agregada em 2005, com o início de uma parceria com a Agência Espacial Brasileira.

Todos os anos a comissão organizadora da Olimpíada, formada por 13 especialistas e seus colaboradores, envia uma carta convite com o regulamento e a ficha de inscrição aos diretores de escolas de todo o Brasil para que participem do projeto. Também são enviadas cartas para os secretários de educação dos municípios brasileiros, explica o professor: “pedimos aos secretários que distribuam as cartas em seus municípios. Utilizamos também o censo escolar do Ministério da Educação e, se a escola possuir e-mail, enviamos o convite virtualmente”. Depois de receberem os convites, as escolas se inscrevem pelo *site* <www.oba.org.br>.

Astronomia na sala de aula

A Olimpíada consta de provas que são elaboradas em quatro níveis de conhecimento: do primeiro ao terceiro ano, do quarto ao quinto, do sexto ao nono e ensino médio. As provas são enviadas às escolas participantes e o professor de cada turma é quem corrige os exames. As dez melhores provas de cada escola são enviadas para a organização da OBA. “Enviamos o gabarito para que o próprio professor faça a correção das provas, pois queremos envolvê-lo no processo. Nossa intenção é fazer com que o professor aprenda mais sobre Astronomia e para



Acima, o professor Canalle no arquivo das provas da Olimpíada de 2012. Abaixo, as medalhas da Olimpíada e da mostra de foguetes



isso enviamos material didático como livros, DVDs e planisférios (espécie de mapa do céu, consiste em uma esfera celeste planificada que deixa à mostra apenas a parte do céu que é visível ao longo do ano em uma determinada região da Terra).

As tarefas nas escolas não se limitam às provas da Olimpíada. Planisférios, telescópios, maquetes, bússolas e relógios são alguns dos objetos utilizados para auxiliar o trabalho dos professores ao longo do ano e incentivar a prática experimental entre os estudantes. O professor Canalle explica que a cada ano é sugerido aos professores das escolas participantes que realizem algumas atividades na área de Astronomia com seus alunos. Em 2012 o objetivo era determinar o verdadeiro instante do meio-dia, quando o sol passa mais alto no céu: “Como eles podem fazer isso? Colocando um lápis em pé e descobrir em que momento do dia ele faz sua menor sombra. A menor sombra desse lápis indica a direção norte-sul correta e envolve o aluno em um processo experimental de medição”, conta. Essa foi uma atividade de observação astronômica diurna. Como sugestão de atividade noturna foi distribuído um mapa do céu e pedido ao aluno que localizasse as constelações ‘Cruzeiro do Sul’ e ‘Três Marias’. Para o professor João Canalle esse é o primeiro passo para entender a Astronomia,

mostrar que a ciência tem que ser feita de modo experimental: “Ciência deveria ser ensinada como música, que precisa de instrumentos. É preciso por a mão na massa, fazer e refazer os experimentos. No caso da Astronomia temos um laboratório à disposição de todos, gratuitamente, que são as estrelas, a lua, os planetas”.

Os alunos que participam da Olimpíada recebem um certificado. Desde 2009 as escolas envolvidas começaram a receber lunetas para ajudar a “olhar para o céu”. Com recursos do CNPq (2009 foi o Ano Internacional da Astronomia), a OBA comprou 20 mil unidades de lunetas. “Estamos capacitando o professor e sua escola para ensinar melhor Astronomia, porque quem ensina nas escolas não é astrônomo, são professores de ciências, em geral biólogos, geógrafos e pedagogos, entre outros”. A luneta distribuída foi produzida pela União Astronômica Internacional com excelente qualidade óptica e a um custo mais baixo. Ela permite, por exemplo, ver com nitidez as crateras da Lua, Júpiter e seus quatro satélites, Saturno e seus anéis, Vênus (a ‘estrela Dalva’) e Marte.

Segundo o professor, com o auxílio da luneta não é difícil localizar a posição dos planetas. As escolas recebem DVD com um programa que projeta o céu de qualquer lugar do mundo, em qualquer época

do ano. São *softwares* de planetários e projetam o céu como em um planetário. “As ferramentas estão cada vez mais sofisticadas e são gratuitas. Ao participarem da Olimpíada os professores das escolas estão observando mais o céu”, diz o professor.

Divulgado o resultado da Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronáutica, a organização envia para os prefeitos das cidades que tiveram alunos premiados uma carta sugerindo que ele vá à escola e entregue a medalha da Olimpíada ao vencedor. “É uma valorização da escola, do professor e dos estudantes”.

Mostra Brasileira de Foguetes

Uma das atividades práticas sugeridas pela Olimpíada para as escolas é o lançamento de foguetes. Os próprios alunos constroem seus foguetes com garrafas pets ou canudinhos de refrigerante e se organizam em suas escolas para descobrir quem lança mais longe. O experimento acabou se transformando em uma atividade separada da Olimpíada, hoje conhecida como Mostra Brasileira de Foguetes (MOBFOG).

O lançamento de foguete acontece na própria escola e são medidas as distâncias horizontais alcançadas. Todo o processo – desde a fabricação do foguete, passando pela composição do combustível até o lançamento – é conduzido pelo próprio aluno. O foguete é feito com garrafa PET e o combustível utilizado é água e ar pressurizado, conseguido com uma bomba de encher pneu de bicicleta. A simplicidade em produzir esse tipo de combustível levou a comissão a sugerir uma nova fórmula. O combustível sugerido é ecológico: fermento em pó e vinagre que, quando misturados, geram CO₂ quase instantaneamente. O vinagre também pode ser substituído por suco de limão.

A experiência multidisciplinar unindo a Física e a Química torna o experimento ainda mais atraente para os estudantes, pondera João Canalle. “O fator preponderante é a boa construção do foguete e da base. Damos um modelo de base simples e eles podem elaborar e mudar o tamanho do foguete. Também podem variar a quantidade de vinagre e fermento e o tamanho das aletas (asas). Não existe uma fórmula que dê a melhor combinação”, comenta. Na teoria, o professor afirma que o ideal são 45º de lançamento para conseguir a maior dis-

tância. É necessário colocar uma massa na ponta do foguete para que o peso dê estabilidade ao voo. A procura da massa perfeita também é feita pelos alunos que participam do experimento: se tiver muito peso, fica estável, porém não voa muito longe; com pouco peso o foguete voa longe, mas não tem estabilidade.

Os estudantes do ensino médio que lançarem mais longe seus foguetes são convidados para a última etapa da Mostra, a Jornada de Foguetes, que é presencial. Em 2012 foi realizada em um hotel fazenda de Barra do Pirai e recebeu 100 equipes, em média quatro alunos e um professor, para a competição. Os alunos apresentaram a base que construíram com fotos, filmes do lançamento e o alcance conseguido pelos foguetes a uma comissão composta pelos professores que participavam do evento. São avaliadas a apresentação, dicção e segurança da base e distribuídos prêmios nesta primeira fase.

A etapa seguinte foi o lançamento do foguete. Setenta equipes foram premiadas com bolsa de Iniciação Científica Júnior, as demais receberam um troféu e menção honrosa. O recorde de lançamento atingido em 2012 foi de 280,7 metros. Para o professor, o segredo pode estar na forma como o combustível é manipulado. A equipe dilui o fermento em água previamente, facilitando o maior contato com o vinagre no momento do lançamento e evitando a formação de bolhas quando o fermento entra em contato com o líquido. “Estamos ensinando ao professor um pouco mais de Astronomia e Astronáutica e estimulando observações, porque ele está fazendo o papel de técnico de uma equipe de competição. O professor tem que treiná-los bem. Ao final, todos – alunos, diretor e escola – recebem um certificado de participação. O foguete causa uma revolução na escola, pois além de instrutivo é divertido. O aluno pode experimentar a Física e a Química em seu próprio foguete, voando”, diz Canalle.

O cadastro das escolas que desejarem participar da Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronáutica e da Mostra Brasileira de Foguetes pode ser feito no *site* <www.oba.org.br> até o dia 13 de março.



Exemplo de foguete construído com garrafa PET e bola de soprar, montado sobre base de PVC

Curso Técnico em Saúde Bucal promove qualidade de ensino

Capacitação profissional de qualidade na formação de técnicos em Saúde Bucal é a proposta do curso Técnico de Saúde Bucal (TSB) da Faculdade de Odontologia da UERJ, cuja profissão foi regulamentada em 24 de dezembro de 2008 pela Lei 11.889. A regulamentação reconhece as funções do técnico nas equipes de saúde bucal, que atuam na promoção da saúde e na prevenção de doenças bucais, desenvolvem atividades auxiliares de Odontologia e colaboram em pesquisas da área. O profissional precisa registrar-se nos Conselhos Federal e Regional de Odontologia e ser supervisionado por um cirurgião-dentista.

Fundado em 1975 por professores das áreas de Saúde Coletiva e Odonto-pediatria, o curso oferece atualmente a modalidade de ensino a distância (EaD). A diretora da Faculdade de Odontologia e coordenadora do TSB, Maria Isabel de Castro de Souza, explica que a EaD, iniciada no ano passado, permitiu a redução da duração do curso de TSB de dois para um ano. A mudança foi necessária, como explica a diretora: “nosso curso é um dos que mais forma e aprova profissionais para o mercado. Provas de concursos da Marinha e do Exército sempre têm entre os três primeiros colocados alunos da UERJ. Com um ano de curso o estudante já passava nas provas, mas ainda faltava mais um ano para a sua conclusão. Para que conseguíssemos modificar a duração do curso tivemos que trazer a fermentação do Ensino a Distância”.

A procura por esses profissionais está crescendo desde a sua regulamentação, observa a supervisora do curso Maria Rita dos Santos Ritto Antonio: “Existe uma defasagem de técnicos em saúde bucal para atender o mercado de trabalho. Ele é um profissional altamente qualificado e desejado, mas está em falta. Ele dinamiza o atendimento do cirurgião-dentista no consultório ou em uma clínica. Por exemplo: se você tem um paciente que necessita apenas de revisão, ela será feita pelo técnico. Isso abre vaga para um paciente que precisa de intervenção mais específica do cirurgião-dentista”, diz Maria Isabel.

Com o aquecimento do mercado, o número de vagas para técnicos em Saúde Bucal têm aumentado. Além disso, explica Maria Isabel, a Estratégia de Saúde da Família (projeto do

Sistema Único de Saúde) também precisa desse especialista, assim como as clínicas privadas. Um exemplo foi o projeto piloto realizado de julho a outubro de 2012, juntamente com o Pró-saúde da UERJ e a Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, que capacitou auxiliares de saúde bucal (ASBs) em técnicos de saúde bucal – por conta da necessidade desses profissionais na Estratégia de Saúde da Família.

A diretora conta que a grande maioria dos alunos já saem empregados do curso. É o caso de Sueli da Silva Lacerda, formada na turma de 2012, convidada para trabalhar na Policlínica Piquet Carneiro: “Esse curso foi um aprendizado enorme, aprendi a dar valor e a cuidar da boca”, diz. Muitas instituições, como o Ministério Público, procuram a coordenação para oferecer emprego aos técnicos, devido ao grande movimento da cabine de serviços odontológicos instalada no prédio do MP.

Para a diretora da Odontologia existe pouca informação sobre os técnicos em suas diversas áreas. Segundo Maria Isabel, o incentivo para o ensino superior não priorizou o curso técnico, criando essa defasagem de profissionais. Ela destaca que os técnicos precisam ser qualificados porque são profissionais com retorno rápido ao mercado: “Nem todo mundo tem que ser doutor. Todos devem ser bem pagos, ter capacitação, lazer, educação e saúde de forma digna”.

A metodologia do curso distribui parte das aulas em EaD e parte presencial, de acordo com a necessidade da disciplina. Ao final, são realizadas instruções práticas e treinamentos até que a turma esteja apta para estagiar na Policlínica Piquet Carneiro. “Somos responsáveis pela educação da saúde bucal dos pacientes. Aparecem muitos que não sabem como escovar os dentes, a importância desse hábito e o uso do fio dental para que não fiquem doentes”, diz a supervisora.

Qualquer pessoa que tenha concluído o ensino médio pode fazer o curso. As inscrições para a prova de seleção são feitas no *site* do Centro de Produção da UERJ (Cepuerj) <www.cepuej.br>. A próxima turma começa em março e oferece 20 vagas no máximo. O edital para 2014 será lançado na segunda quinzena de setembro.

Art. 5º Competem ao Técnico em Saúde Bucal, sempre sob a supervisão do cirurgião-dentista, as seguintes atividades, além das estabelecidas para os auxiliares em saúde bucal

- I - participar do treinamento e capacitação de Auxiliar em Saúde Bucal e de agentes multiplicadores das ações de promoção à saúde;
- II - participar das ações educativas atuando na promoção da saúde e na prevenção das doenças bucais;
- III - participar na realização de levantamentos e estudos epidemiológicos, exceto na categoria de examinador;
- IV - ensinar técnicas de higiene bucal e realizar a prevenção das doenças bucais por meio da aplicação tópica do flúor, conforme orientação do cirurgião-dentista;
- V - fazer a remoção do biofilme, de acordo com a indicação técnica definida pelo cirurgião-dentista;
- VI - supervisionar, sob delegação do cirurgião-dentista, o trabalho dos auxiliares de saúde bucal;
- VII - realizar fotografias e tomadas de uso odontológicos exclusivamente em consultórios ou clínicas odontológicas;
- VIII - inserir e distribuir no preparo cavitário materiais odontológicos na restauração dentária direta, vedado o uso de materiais e instrumentos não indicados pelo cirurgião-dentista;
- IX - proceder à limpeza e à anti-sepsia do campo operatório, antes e após atos cirúrgicos, inclusive em ambientes hospitalares;
- X - remover suturas;
- XI - aplicar medidas de biossegurança no armazenamento, manuseio e descarte de produtos e resíduos odontológicos;
- XII - realizar isolamento do campo operatório;
- XIII - exercer todas as competências no âmbito hospitalar, bem como instrumentar o cirurgião-dentista em ambientes clínicos e hospitalares.

Museu do Cárcere: novas instalações reúnem história, natureza e comunidade

Júlio de Almeida chegou em 1958 na condição de detento na Vila Dois Rios, em Ilha Grande. Pelos crimes que cometeu teria que cumprir pena até 2014 no Instituto Penal Cândido Mendes (IPCM), local por onde passaram personalidades brasileiras como o escritor Graciliano Ramos e o lendário personagem da Lapa, Madame Satã. Durante os anos de reclusão ele viu de perto pessoas que mais tarde se destacariam na política, como Fernando Gabeira, e presenciou em 1985 a fuga cinematográfica do traficante José Carlos dos Reis Encina, o Escadinha.

Cinquenta e cinco anos se passaram desde que 'seu' Júlio chegou em Dois Rios, e mesmo com a pena reduzida ele continua a morar na Vila, onde é considerado figura mítica local. Hoje com 82 anos, ele se dedica à produção de artesanatos com madeira e raízes e entre os fatos mais curiosos que presenciou nesse período na Ilha Grande está a transformação do presídio em museu. É no mesmo espaço onde esteve preso que ele expõe as suas peças pela primeira vez: "Trabalhar com arte foi algo que nunca imaginei. Mostrar meu trabalho aqui, então..." diz, sem palavras para expressar o significado desse feito.

As instalações carcerárias do Instituto Penal abrigam atualmente o Ecomuseu Ilha Grande. Com a estrutura original reparada de modo a preservar a sua identidade, a construção acaba de sair de mais uma reforma. As novas instalações da área reservada para o Museu do Cárcere dentro do Ecomuseu estão abertas para maior diversidade de exposições e contribuem para a interação da comunidade de Vila Dois Rios com os projetos da UERJ, que administra o local desde 1994.

Os dois espaços foram abertos para a comunidade, turistas e moradores da Vila no dia 13 de dezembro de 2012. O Museu do Cárcere apresenta hoje quatro exposições inéditas – *Sistema Penitenciário do Rio de Janeiro: ontem e hoje*; *Comida e Cárcere*; *Arte e Ciência das Formas e Padrões da Natureza* e *Ecomuseu Recicla*, além da remontagem da exposição permanente *Cem anos de Presídio*.

Resultado de dez anos de pesquisa da antropóloga e professora do Departamento de Ciências Sociais Myrian Sepúlveda, *Cem anos de Presídio* foi montada



pela primeira vez em 2009, no início do Ecomuseu. Agora retorna com mais fotografias e objetos que remetem às unidades prisionais implantadas em Ilha Grande entre 1894 e 1994. Relatam assim da abertura à implosão do Instituto Penal: "O objetivo é denunciar essa violência que ocorre entre presos, entre guardas e presos e porque em diferentes sistemas a gente observa as mesmas denúncias nas prisões", acrescenta a professora. Myrian foi precursora do projeto de pesquisa e extensão Ecomuseu Ilha Grande e também a primeira coordenadora quando o mesmo começou a ganhar forma.

Agora vinculado ao Departamento Cultural, da Sub-reitoria de Extensão e Cultura, o museu conserva ainda o prédio pioneiro da padaria. Lá está instalada a exposição *Comida e Cárcere*, com curadoria da própria equipe do Ecomuseu. Dividida em três módulos – Aquisição, Preparo e Consumo –, a mostra relata a rotina alimentar da penitenciária por meio de objetos, fotografias, documentos textuais e filmes que apontam as precárias condições do antigo presídio: "A maior parte das peças que temos no acervo foi doada por moradores daqui", informa a administradora Aline Wilson Torres. Chefe do Museu do Cárcere, Gelson Rozentino reforça a construção do cenário das penitenciárias brasileiras ao atuar também como curador da mostra *Sistema Penitenciário do Rio de Janeiro: ontem e hoje*. Originado do projeto *História e Memória do Sistema Penitenciário do Estado do Rio de Janeiro*, a exposição aborda o funcionamento de penitenciárias no decorrer da história regional.

A exposição *Arte e Ciência das Formas e Padrões da Natureza* revela a arte por trás da flora e da fauna da Mata Atlântica brasileira. A mostra exhibe em suas 39 fotografias detalhes, cores e características do bioma do qual faz parte a Ilha Grande, observando as texturas e as curvas das espécies. Com financiamento da Faperj, o trabalho reuniu em parceria os integrantes do Laboratório de Radioecologia e Mudanças Globais (LARAMG) e do Departamento de Biofísica e Biometria do Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes da UERJ.

Se há lugar para a história e os atributos naturais da Ilha, não poderia faltar



a presença da comunidade da Vila Dois Rios, constituída por 90 pessoas, no universo das representações artísticas do Museu do Cárcere. Expõem no espaço do *Ecomuseu Recicla* três artesãos locais, entre os quais o seu Júlio de Almeida. Com curadoria do atual coordenador do Ecomuseu, Ricardo Lima, a exposição resultou do projeto *Ecomuseu Recicla: alternativas para o desenvolvimento sustentável da Vila Dois Rios a partir do artesanato consciente*, apoiado pela Faperj, no qual se transforma lixo em arte, conforme palavras de Edna Souza Ferreira, moradora da Vila e artesã que também expõe seus trabalhos. Completa o trio de artesãos Marilda Caiães, que aponta uma das consequências diretas das suas obras: “Nós limpamos as ruas de Dois Rios. Você anda por ai e não vê mais garrafa pet jogada.” Assim, da “limpeza” de garrafas pets, tecidos, latas e madeiras recolhidas no vilarejo surgem peças delicadas que demonstram as habilidades manuais dos produtores e expressam toda uma identidade cultural e referência simbólica daquela pequena comunidade. As peças estão à venda no Museu.

Projeto em desenvolvimento

O Ecomuseu Ilha Grande é um projeto contínuo e as novas instalações do Museu do Cárcere constituem apenas mais uma das etapas concluídas. Está previsto ainda o desenvolvimento de outros espaços que, conforme explica o Reitor Ricardo Vieiralves, darão conta do duplo propósito que a UERJ tem em Dois Rios: “Primeiro, preservar a memória nacional; segundo, apontar para o futuro”. Para tanto, a Sub-reitora de Extensão e Cultura Regina Henriques apresenta outros três eixos complementares ao Museu do Cárcere dentro do Ecomuseu.

O Museu do Ambiente e o Parque Botânico, voltado para questões ambientais e de preservação, estão em construção: o primeiro vai brigar atividades que mostram a possibilidade do uso sustentável do local, sem prejuízo à natureza. O próximo espaço será construído como uma “casa inteligente”, que utiliza luz solar como fonte de energia e com projeção para evitar o desperdício.

O Parque está em fase de preparação e reforça a importância de conhecer e cuidar das espécies típicas da Mata Atlântica:

“O Ecomuseu pensa as espécies como quem também conta a história de um lugar”, percebe a Sub-reitora. Em um ambiente de coexistência harmoniosa entre vida humana e vida selvagem, tanto a natureza quanto a comunidade são importantes para o panorama histórico do local. Considerando esses pontos, planeja-se para futuro próximo um espaço dedicado ao audiovisual e ao ensino. Este terceiro eixo constituirá um lugar para divulgação e preparo de materiais digitais que possam servir como aulas e como ambiente de formação para a UERJ e habitantes de Dois Rios. Somados às outras obras faz com que a relação entre a comunidade da Vila e os projetos da Universidade adquiram novos contornos.

Visita e controle

O Ecomuseu recebe em média 800 visitantes por mês, mesmo com as dificuldades de acesso ao local – turistas não convidados da UERJ só chegam de barco ou depois de duas horas de caminhada. Prevê-se o aumento expressivo de visitas com os vários projetos que aportam no vilarejo. Contribui para isso o fato de todos os espaços de visitação estarem juntos a uma reserva natural com mar calmo e água cristalina onde deságuam dois rios, um em cada ponta da sua extensão. Para manter a beleza e o sossego locais, o Reitor garante que as visitas serão controladas (Consulte no quadro a seguir os horários e os dias de visitação). Segundo ele, haverá algumas restrições ambientais, “o que significa, inclusive, um processo de educação do público, já que estamos em uma área de preservação”.

Serviço

- **Exposições:** “100 anos de presídio”, “Sistema Penitenciário do Rio de Janeiro: ontem e hoje”, “Comida e Cárcere”, “Arte e ciência das formas e padrões da natureza” e “Ecomuseu Recicla”.
- **Local:** Museu do Cárcere (MuCa) - Ecomuseu Ilha Grande - Rua Amapá, s/nº - Vila Dois Rios, Ilha Grande – Angra dos Reis / RJ.
- **Visitação:** de terça a domingo, das 10h às 16h (incluindo feriados).
- **Marcação de visita guiada:** ecomuseu@uerj.br ou (21) 2334-0939 / (24) 3361-9055. A entrada é franca.

Data



Esdi: 50 anos de fundação em 2013

A Escola Superior de Desenho Industrial da UERJ celebra este ano as cinco décadas da sua instalação com resultados importantes acumulados ao longo da sua história. Fundada em 1963 como entidade autônoma, a partir de um projeto elaborado por Alexandre Wollner e Karl Heinz, a Escola figura como uma das 60 melhores escolas de design do mundo, conforme dados da revista americana *Business Week*, sendo a única da América Latina incluída na lista.

A excelência do ensino na Esdi começou com a própria construção do seu espaço físico, coerente com uma linha de design baseada nos ideais de clareza formal e racionalidade de Max Bill (ex-aluno da Bauhaus) e associada à proposta do artista argentino Tomas Maldonado, ambos ligados à Escola Superior de Design da Forma de Ulm, na Alemanha. O projeto original baseou-se nas experiências dos arquitetos Alexandre Wollner e Karl Heinz, com trabalhos desenvolvidos na Escola Técnica de Criação e elaborado por Tomas Maldonado para o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro no final dos anos 50, e também o curso de gráfica experimental que Alexandre Wollner e Aloísio Magalhães ofereceram também no MAM em 1961.

Desde a sua fundação a Esdi mantém curso de design integrado com habilitação dupla e obrigatória em design gráfico (comunicação visual) e design de produto (projeto de produto). A unidade foi integrada à Universidade do Estado do Rio de Janeiro em 1975 e suas instalações estão localizadas na Lapa desde a criação em 1963. Em 2005, a escola deu mais um passo em busca da excelência no ensino com a implantação do mestrado em Design Gráfico.

Dez anos do sistema pioneiro de cotas na UERJ

O sistema de reserva de vagas começou a ser implantado na UERJ em 2002. A primeira seleção, para o vestibular 2003, destinou 50% das vagas para estudantes que cursaram o ensino médio em escolas da rede pública. Naquele ano foram realizados dois concursos distintos (um com reserva e outro para o vestibular tradicional). Uma década depois o pioneiro sistema de cotas da UERJ, depois de críticas e elogios, tornou-se referência no Brasil e no exterior. Cotistas que já concluíram o curso e atuam em suas respectivas áreas de formação confirmam que só lhes faltava uma oportunidade.

Estudo realizado em 2012 pela Coordenadoria de Articulação e Iniciação Acadêmicas (CAIAC), subordinada à Sub-reitoria de Graduação, aponta que entre 2003 e o primeiro semestre de 2012 ingressaram na Universidade 47.540 estudantes, dos quais 31.605 não cotistas e 15.935 cotistas (6.995 negros, 8.673 da rede pública e 267 deficientes, indígenas ou filhos de policiais, bombeiros e inspetores de segurança mortos ou incapacitados em serviço). O quantitativo corresponde a 34% de cotistas e 66% de não cotistas. Com relação ao número de concluintes foram 7.028 não cotistas e 6.869 cotistas (22% e 43% dos cursantes, respectivamente). A análise assinala ainda que o percentual de evasão entre os cotistas é menor do que entre não cotistas (20% contra 33%).

Para a Sub-reitora de Graduação, Lená Medeiros, as avaliações realizadas pela UERJ demonstram que o resultado do sistema é positivo: “Temos vários egressos inseridos no mercado de trabalho na sua área de formação e outros que estão investindo na vida acadêmica cursando mestrado e até doutorado. Isso mostra que estamos começando um processo de mudança revolucionária nas características das elites do país, inclusive as acadêmicas”. Ela acrescenta que os depoimentos de cotistas revelam como ingressar na Universidade significou para eles uma alteração profunda em suas vidas: “É óbvio que a questão não é somente de ingresso, mas também de permanência. A UERJ teve que desenvolver estratégias para fazer com que esses alunos pudessem superar dificuldades iniciais para poder acompanhar o curso e se formar”. A Sub-reitora refere-se às iniciativas do Programa de Iniciação Acadêmica (Proiniciar), que auxilia no desempenho acadêmicos dos cotistas. São oferecidas disciplinas instrumentais, oficinas e atividades culturais. Os estudantes recebem uma bolsa permanência no valor de R\$ 400,00 durante todo o curso e parte do material didático. Para Lená Medeiros, o fato de a evasão ser menor

TOTAL DE ALUNOS QUE INGRESSARAM POR VESTIBULAR DE 2003 A 2012*

Anos	Não Cota	Negros (20%)	Rede Pública (20%)	Deficientes/Indígenas/Filhos de bombeiros militares, policiais civis e militares e inspetores de segurança e administração penitenciária, mortos ou incapacitados em razão do serviço (5%)	Total de Cotistas
2003	2.137	1.946	1.099	0	3.045
2004	2.950	861	1.194	34	2.089
2005	3.397	590	993	36	1.619
2006	3.480	532	984	35	1.551
2007	3.563	386	743	18	1.147
2008	3.694	409	661	27	1.097
2009	3.484	541	791	53	1.385
2010	3.261	652	848	24	1.524
2011	3.417	683	858	22	1.563
2012*	2.222	395	502	18	915
Totais	31.605	6.995	8.673	267	15.935

FORNTE: SR1 / CAIAC

* 1º semestre

entre os cotistas demonstra que eles têm consciência social do ingresso na Universidade: “Eles acreditam que esse é um caminho para a mudança de suas vidas e da sociedade”.

Histórico

As ações afirmativas começaram a ser regulamentadas no Rio de Janeiro em 2000. A Lei 3.524 determinou que 50% das vagas das universidades estaduais (UERJ e UENF) fossem destinadas a estudantes que tivessem cursado integralmente os ensinos fundamental e médio em escolas públicas. Posteriormente, a Lei 3.708/2001, regulamentada pelo Decreto 30.766/2002, determinou a reserva de 40% das vagas de cada curso para estudantes autodeclarados negros e pardos.

Em 2003 foram realizados dois vestibulares: um deles, denominado Sistema de Acompanhamento do Desempenho dos Estudantes do Ensino Médio mantido pelo Poder Público (Sade), foi destinado a candidatos procedentes de escolas da rede pública; e outro para os demais candidatos. Ambos consideravam a inclusão de afrodescendentes, mas sem o corte relativo à carência socioeconômica. Esse processo foi modificado pela Lei 4.151/2003 (alterando o vestibular 2004) e a UERJ passou a adotar o critério de renda familiar – atualmente o corte socioeconômico é de R\$ 960,00 mensais per capita. A lei reservou 45% das vagas: 20% para estudantes da rede pública de ensino, 20% para negros e 5% para pessoas com deficiência e integrantes de minorias étnicas. Com a promulgação da Lei 5.074/2007 foram incluídos nesta última categoria os filhos de policiais civis, militares, bombeiros militares e de inspetores

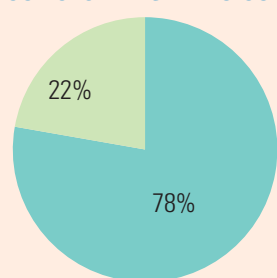
de segurança e administração penitenciária, mortos ou incapacitados em razão do serviço. Em 2008, a Lei 5.346 estabeleceu a instituição do sistema de cotas por dez anos. Atualmente a distribuição se dá da seguinte forma: 20% para negros e indígenas; 20% para estudantes da rede pública; 5% para pessoas com deficiência, filhos de policiais civis, militares, bombeiros militares e de inspetores de segurança e administração penitenciária, mortos ou incapacitados em razão do serviço.

Pelo seu pioneirismo a UERJ recebeu em maio de 2010 uma equipe da TV pública dos Estados Unidos (PBS) que realizou um debate sobre ação afirmativa com estudantes da Universidade. A gravação integrou de uma série de documentários exibida pelo Public Broadcasting Service, cujo foco era retratar os descendentes africanos na América Latina. No Brasil, o tema central foram as ações afirmativas. Em agosto de 2011 foi a vez da secretária-assistente para Direitos Civis do Departamento de Educação dos Estados Unidos, Russlynn Ali, visitar a Instituição. A delegação veio ao Brasil conhecer as políticas de cotas no ensino superior, usando como exemplo a experiência da UERJ como a primeira instituição de ensino no país a ter o sistema implantado.

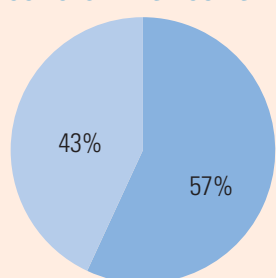
Cotistas

Moradora da comunidade do Vidigal, a estudante do 4º período de Jornalismo Beatriz Azevedo sempre estudou em escolas públicas. Antes de ingressar em um dos cursos mais concorridos da UERJ inscreveu-se em um pré-vestibular comunitário. “Conquistei um objetivo que tinha desde

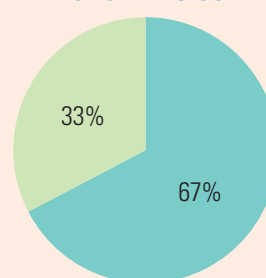
CONCLUINTE - NÃO COTA



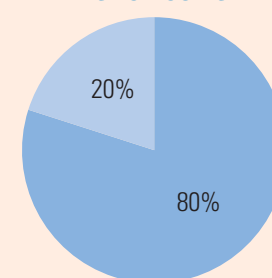
CONCLUINTE - COTISTAS

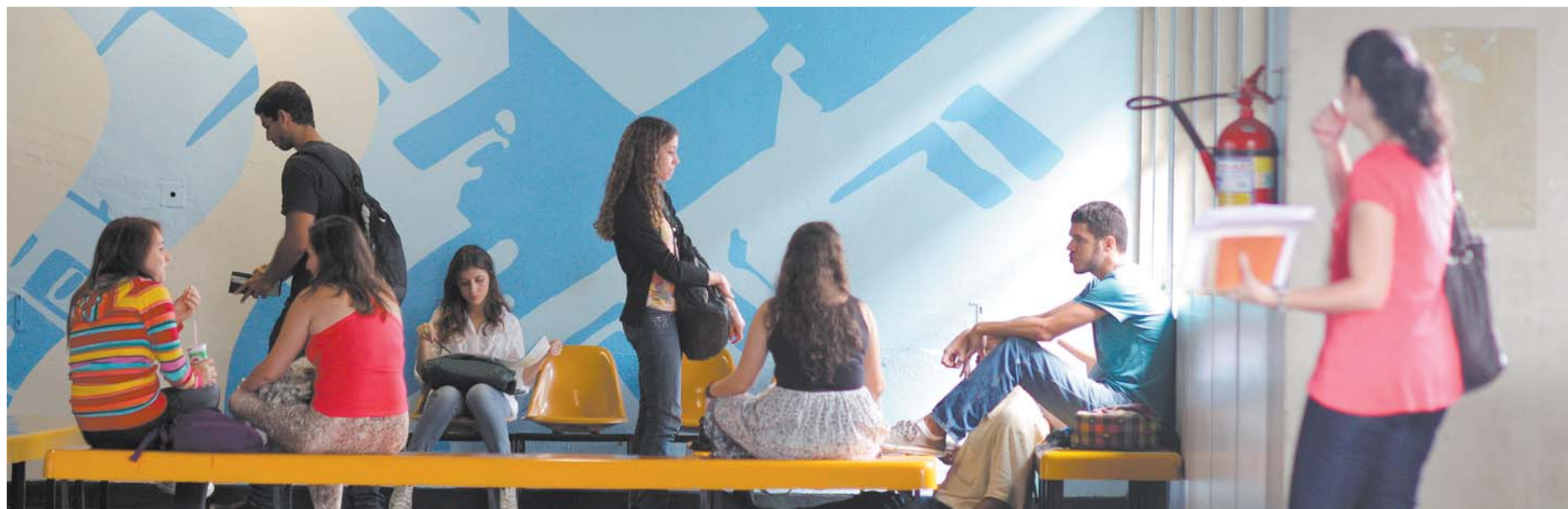


EVASÃO - NÃO COTA



EVASÃO - COTISTA





criança. Quando fiz o vestibular, tentei outras universidades, inclusive fui aprovada para a PUC-Rio, mas optei pela UERJ. Lembro de, quando pequena, ter vindo ao Teatro Odylo Costa, filho para a colação de grau da irmã da minha madrinha, que se formara em Estatística. Desde então sempre tive o desejo de estudar na Universidade. É a realização de um sonho”. Beatriz é um exemplo de como as cotas podem ajudar esses estudantes a transformar sonhos em realidade.

O programa Ciência sem Fronteiras (CsF), do governo federal, reforça a inserção social. Alan Silva, aluno do 7º período de Engenharia de Produção, sempre estudou em instituições públicas de ensino. Atualmente ele está na Universidade Nova de Lisboa (Portugal) participando do intercâmbio: “Será um grande diferencial para o meu currículo. Além da experiência de estudar no exterior, tenho contato com outras culturas e pessoas de várias nacionalidades. Está sendo um aprendizado constante”. O estudante destaca o amadurecimento adquirido com a temporada no exterior e a necessidade de saber administrar a bolsa recebida do CNPq: “Somos responsáveis pelo pagamento das contas, pela manutenção do apartamento, pelas compras no mercado, sem esquecer as responsabilidades de lavar, passar e cozinhar. Além disso, temos que estudar muito, pois o ritmo de aulas aqui é intenso”. O único problema é o frio europeu, diz o intercambista, que tem retorno previsto para julho, depois da temporada de um ano em terras lusitanas. “Tenho certeza de que, com esse diploma, irei recompensar meus pais pelo esforço que tiveram (e ainda têm) comigo nesse longo caminho até a formatura”, resume.

Outra participante do CsF, a estudante do 4º ano de Desenho Industrial Daniela Capistrano, está fazendo intercâmbio na Universidade de Fraser Valley (Canadá): “É algo que meus pais não teriam condições financeiras de proporcionar. Esse projeto conseguiu trazer uma realidade nunca antes imaginada para minha vida”. Ela destaca os amigos que fez e também a possibilidade de aprender mais sobre *design* voltado para aplicativos. E concorda com o colega Alan Silva quanto à maior responsabilidade adquirida com a vivência no exterior. “Tenho muito orgulho de dizer que estudo na UERJ, instituição onde sempre quis estudar, pois sabia que o curso de Desenho Industrial é considerado um dos melhores do Brasil”.

Histórias de sucesso

Nos dez anos de existência do sistema de cotas, muitas mudanças aconteceram também na vida dos ex-cotistas. Aluno da primeira turma de cotistas da Faculdade de Ciências Médicas, Alan Praxedes, 28 anos, ingressou na Universidade em 2003 como estudante de escola pública. Ex-aluno do Colégio Pedro II, Alan fez residência médica em Pediatria no Hospital Federal de Bonsucesso por dois anos. Atualmente estuda espanhol, faz residência em endocrinologia pediátrica no Hospital Federal dos Servidores do Estado e plantões em uma UPA. Para ele, estudar na UERJ é motivo de orgulho: “Sem uma estrutura familiar sólida dando apoio tanto psicológico quanto financeiro nada disso teria sido possível. A dedicação aos estudos foi e é fundamental nessa trajetória. Além disso, o amor à profissão é algo que sempre deve existir”. Depois que concluir a residência, Alan tem planos para abrir seu próprio consultório e conseguir um emprego na área pública.

Assim como Alan Praxedes, o oficial de justiça federal Felipe Vieira também estudou no Colégio Pedro II e ingressou na UERJ por meio do primeiro vestibular com o sistema de ação afirmativa. Durante a graduação foi estagiário do IX Juizado Especial Cível e de um escritório de advocacia. Em 2007, no último ano do curso, ficou em quarto lugar no concurso para oficial da Justiça Federal, para o qual foi convocado em janeiro de 2009. Durante esse tempo, prestou outros três concursos (BNDES, Tribunal Regional do Trabalho e Conselho Regional de Psicologia) e foi convocado, mas optou pela carreira de oficial de justiça. Ele acredita que a Universidade foi fundamental para a sua atual situação profissional: “Ter ingressado foi a parte mais árdua dessa trajetória, devido à grande diferença de preparo frente os colégios particulares. Após o ingresso as coisas tornaram-se mais fáceis, tendo em vista a qualidade do ensino da Faculdade de Direito, que faz seus alunos se destacarem onde quer que estejam”. O próximo degrau a ser alcançado? A carreira da magistratura ou o Ministério Público.

Antes de entrar para a turma de Medicina em 2003, a médica Michelly Wada prestou vestibular duas vezes. A ex-cotista fez residência em anesthesiologia no Hospital Naval Marcílio Dias e atualmente trabalha nessa área em hospitais

públicos e particulares. Ela tem orgulho de sua trajetória: “Tive que estudar bastante para entrar, mas consegui acompanhar sem dificuldades as disciplinas e me considerava uma das melhores alunas da turma”.

Everton Costa, 24 anos, é mestrando de Biociências e ingressou na UERJ em 2006 como cotista de escola pública. Apaixonado pela área científica desde criança, ele viu seu sonho começar a se realizar ao ser aprovado no vestibular para Ciências Biológicas: “Todo o conhecimento que adquiri, toda a minha história profissional, todos os cargos que estou apto a assumir devo à UERJ”. Durante a graduação estagiou no Laboratório de Neurobiologia do Departamento de Farmacologia e Psicobiologia, ao qual está vinculado até hoje. O mestrando conta que foi um dos ganhadores do Prêmio de Iniciação à Ciência concedido pela UERJ e teve no pai seu grande incentivador, que ingressou no ensino superior no mesmo ano em que o filho foi aprovado para a UERJ. “Quando terminar o mestrado pretendo fazer doutorado, talvez uma parte em instituição conveniada estrangeira”, diz Everton, que tem planos de cursar até o pós-doutorado.

Instituições federais

Em outubro de 2012 o governo federal publicou decreto regulamentando o sistema de cotas nas universidades federais. De acordo com o documento, 50% das vagas deverão ser destinadas a estudantes que cursaram o ensino médio em escolas públicas. As instituições de ensino federais têm um prazo de quatro anos para implantar progressivamente esse percentual (em 2013 são 12,5% do total de vagas; em 2014 serão 25%; em 2015 serão 37,5%; e em 2016 finalmente 50%). Desses 50% das vagas, 25% são destinadas a estudantes com renda familiar mensal bruta igual ou inferior a 1,5 salário-mínimo per capita (por membro familiar). Há ainda porcentagem para negros, pardos e indígenas que varia conforme o estado, baseado em cálculo do IBGE.

Em janeiro deste ano, o governo federal anunciou que cotistas com renda familiar per capita de até 1,5 salário mínimo (atualmente R\$ 1.017,00) e que frequentem cursos com mais de cinco horas de jornada diária receberão R\$ 400,00 mensais, o mesmo valor pago a estudantes que participam do Programa Universidade para Todos (Prouni), que distribui bolsas para alunos de baixa renda em instituições privadas.

Restaurante Universitário comemora um ano com cardápio diferenciado aprovado pelos frequentadores



O Restaurante Universitário da UERJ, localizado no mesmo prédio do Teatro Noel Rosa, no *campus* Maracanã, completou um ano de funcionamento em novembro de 2012. Com 1.700m² de espaço, o Restaurante possui três linhas para a distribuição das refeições e 364 lugares, além do diferencial de ter acompanhamento e fiscalização constantes das nutricionistas da própria Universidade na elaboração do cardápio.

Com o apoio da equipe de especialistas do Instituto de Nutrição, o RU da UERJ, diferente de outros restaurantes universitários, apresenta um cardápio diversificado e balanceado que segue as diretrizes da 'Estratégia Global para Promoção da Alimentação Saudável, Atividade Física e Saúde', da Organização Mundial de Saúde, e do 'Guia Alimentar para a População Brasileira: promovendo a alimentação saudável', dos ministérios da Educação e da Saúde. A equipe é formada pelas professoras Patrícia Périgo Perez, Daisy Blumenberg Wolkoff e Vera Cristina Magalhães, pela nutricionista Kelly Moreira Gomes e pela bolsista Natália Ferreira Albuquerque, que integra o projeto de pesquisa "Garantia da qualidade do processo produtivo das refeições servidas no Restaurante Universitário".

Entre as preocupações no planejamento das refeições estão: oferecer frituras no máximo uma vez por semana; oferecer massas apenas duas vezes por mês; não estimular o consumo de doces; utilizar ervas aromáticas e especiarias naturais no lugar de condimentos industrializados; incentivar o consumo de hortaliças cozidas, do arroz integral e da soja. O cardápio feito hoje segue a todas as diretrizes do que foi planejado no projeto de criação do RU e permite

uma escolha saudável de alimentos com a garantia da qualidade nutricional e sensorial na preparação das refeições. Para a estudante do curso de graduação em Biologia, Verônica Aiceles, "o restaurante universitário representa para todos os alunos de graduação da UERJ uma grande vitória no que diz respeito à luta pelos seus direitos e melhorias na universidade. Permite que tenhamos acesso a uma refeição balanceada, que inclui todos os grupos alimentares necessários para uma alimentação saudável e por um valor acessível a todos. Alguns pontos ainda precisam de melhorias, como em qualquer outro setor, mas acredito ser questão de tempo".

A experiência nesse primeiro ano de funcionamento do restaurante reúne alguns fatos que surpreenderam a equipe de nutricionistas. Segundo a professora Daisy Wolkoff, "no início, tivemos dúvidas quanto à aceitação dos alunos e funcionários em relação ao consumo de saladas e hortaliças, mas tem sido muito boa, superando nossas expectativas". O aumento *per capita* do consumo de folhosas (folhas, pimentão etc.), legumes e soja estão entre as mudanças percebidas, como mostra a tabela a seguir:

Alimento	Quantidade estimada no projeto inicial	Crescimento
Folhosas	30g	60g
Tomate	40g	70g
Hortaliças (cruas ou cozidas)	50g	60g
Arroz integral	20%	40%

FONTE: INSTITUTO DE NUTRIÇÃO

O preço das refeições não segue o padrão de outros restaurantes universitários, mas em contrapartida as refeições servidas na UERJ seguem um padrão internacional que visa a saúde de seus utilizadores. Os preços variam entre R\$ 5,31 para técnico-administrativos e professores, R\$ 3,00 para alunos não cotistas e R\$ 2,00 para os estudantes que entraram pelo sistema de cotas na Universidade. A professora Patrícia Perez comenta que "às vezes escutamos que o serviço aqui é muito caro, mas tentamos mostrar que oferecemos um cardápio diferenciado e de qualidade". O estudante Fabio Grotz, que fez sua graduação em Comunicação Social e hoje cursa o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, considera "a comida do restaurante muito boa. A variedade de carnes é excelente e dá conta de todos os gostos possíveis. O preço também é ótimo. Eu tenho economizado bastante desde que comecei a comer lá. Acho importante o serviço de coleta seletiva que eles têm lá. É uma ótima solução para a comunidade da UERJ, que sofre com a qualidade e higiene ruins das lanchonetes e restaurantes dos andares".

Ao atender antigas reivindicações da comunidade universitária, ao fim de um ano os idealizadores comemoram os resultados do restaurante e a grande receptividade de alunos, professores e técnico-administrativos. Para o aluno Victor Motta, estudante de mestrado do Departamento de Anatomia do IBRAG, "comer no restaurante universitário significa, primeiramente, integração com todos os alunos e funcionários de uma universidade de prestígio nacional. Temos que pensar que não é só um RU: é um trabalho composto por diversas pessoas para oferecer uma refeição de qualidade por um preço justo para todos aqueles que, de alguma forma, trazem produtividade e respeito à Instituição".



DIVULGAÇÃO



A demanda por um restaurante aumentou a partir da implantação do sistema de reserva de vagas na Universidade, de modo a garantir uma alimentação saudável a alunos e servidores. A aluna Fernanda Cavalcante, estudante de doutorado do Departamento de Anatomia do IBRAG disse que “o RU é uma conquista para todos na UERJ, agregando à comunidade acadêmica valor nutricional no seu dia-a-dia mas, como todo projeto novo, merece adaptações a fim de aprimorar o atendimento aos usuários. Algumas adequações serão bem vindas, mas o principal já foi feito: garantir ao estudante a energia necessária à sua produtividade”.

Com capacidade para 364 pessoas, o RU precisa dar conta de atender toda a comunidade UERJ, que atualmente reúne mais de 25.000 discentes, docentes e técnicos. Para o bom funcionamento do Restaurante é necessário que o espaço seja usado com consciência e cada um ceda o seu lugar assim que acabar a refeição. Para incentivar essa postura na comunidade foi criada a campanha ‘Uso Solidário – Eu apoio’. Em 2012 a média diária de refeições servidas no almoço foi de 1.800. No jantar, segundo dados do mês de janeiro, a média foi de 1.090 refeições.

Para continuar desenvolvendo o trabalho de produção de refeições saudáveis que atendam grande parte da comunidade acadêmica da UERJ, a equipe do RU estuda uma demanda que começa a se apresentar mais forte: a dos veganos, aquelas pessoas que, por filosofia, não comem nenhum derivado animal. Além disso, outra ideia que vem sendo amadurecida e planejada é promover visitas guiadas às instalações do Restaurante para que seus frequentadores conheçam todo o processo de recebimento e armazenamento de produtos e a produção das refeições.

Curiosidade

O microblog *Foursquare* – aplicativo disponível para os sistemas operacionais de telefones móveis iOS, Android, Windows Mobile, Blackberry e Symbian – permite que o usuário indique onde se encontra e procure por contatos

que estejam próximos. Além de fazer check-in em determinados locais, o aplicativo permite que pessoas deixem dicas e fotos sobre esses lugares, transformando-o de simples aplicativo em um serviço de utilidade pública que, em geral, traz informações bastante próximas da realidade, atualizadas constantemente. O Restaurante Universitário da UERJ aparece no Foursquare com um total de 1.291 check-ins (225 pessoas), 16 dicas e 27 fotos. Desse total, 11 dicas avaliam o RU positivamente, alcançando nota 8.

Depoimentos

Guilherme França, estudante de graduação de Educação Física:

A conquista do RU serviu de grande utilidade para os estudantes da UERJ. Particularmente, acho o estabelecimento de extrema importância, pois como integrante de uma república (NABUCO), alio a praticidade com o baixo custo, além de obter uma alimentação equilibrada. Acredito que há melhorias a serem feitas, mas com o que se encontra atualmente, acredito que a população acadêmica está muito bem servida.

Flávia Fernandes, estudante de Mestrado no Departamento de Anatomia do IBRAG: O restaurante universitário oferece ao estudante a oportunidade de acesso a uma dieta equilibrada por um preço justo. Possui cardápio variado, elaborado por nutricionistas, o que garante a qualidade e segurança alimentar. Representa uma grande

conquista após longos anos de luta por esse direito é também um privilégio, não é apenas um “bandeirão”, mas incorpora um novo conceito de restaurante universitário.

Helder Gonçalves, estudante de Mestrado do Departamento de Anatomia do IBRAG: Ter à nossa disposição um restaurante universitário é extremamente satisfatório pela facilidade diária de se obter uma alimentação balanceada e diversificada, um dos fatores fundamentais para a saúde. O RU da UERJ apresenta alguns problemas pontuais que precisam de uma atenção maior – como a pouca ventilação do ambiente, que muitas vezes é um fator que limita a presença do estudante no local, e o tempo de permanência nas filas nos dois turnos que ainda é grande.



REFEIÇÕES SERVIDAS EM 2012

Alunos de Graduação

337.656

- 208.923 Não cotistas
- 108.483 Cotistas
- 20.250 Bolsistas Cetreina

Alunos de Mestrado / Doutorado

16.618

Contratados

11.101

Servidores

78.743

FONTE: DAF / UERJ



23.704 CARTÕES DISTRIBUÍDOS

Novembro 2011 a janeiro 2013

FONTE: DAF / UERJ

Relações Internacionais é o mais novo curso de graduação da UERJ

A partir de 2013 a UERJ oferece o bacharelado em Relações Internacionais. O curso, que começou no vestibular deste ano, atraiu 1.149 candidatos que disputaram as 40 vagas oferecidas no turno da tarde, das quais 22 para concorrentes em geral e 18 destinadas a cotistas: oito para negros e indígenas, oito para estudantes da rede pública e duas para portadores de necessidades especiais e para filhos de policiais civis e militares, bombeiros e inspetores de segurança e administração penitenciária mortos ou incapacitados em razão do serviço.

A tradição da Universidade na área de Relações Internacionais vem desde a década de 80, com a criação de um curso de pós-graduação. Nos anos 90 passou a ser oferecida a especialização em História das Relações Internacionais, existente até hoje. Mais recentemente, em 2008, foi criado o Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais (PPGRI), hoje com três linhas de pesquisa no mestrado: Política, cultura e instituições; Estudos de política externa; e Economia política internacional e integração regional.

“A UERJ, como universidade pública, deve exercer seu papel social e atender a demanda do público estudantil. Temos toda essa massa crítica formada por anos de pós-graduação e entendemos que era chegado o momento de criarmos a graduação. Não estamos instituindo um curso porque outras instituições públicas possuem. A especialização existe há cerca de 15 anos. Temos um corpo docente experiente, com importante produção acadêmica”, argumenta Williams Gonçalves, coordenador interino do curso e professor do Departamento de História e do PPGRI. No Rio de Janeiro, o bacharelado em Relações Internacionais é oferecido também pela UFRJ, pela UFF, pela UFRRJ e pela PUC-Rio.

Com o início da graduação, foi criado o Departamento de Relações Internacionais como parte do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, juntamente com os departamentos de História, Filosofia e Ciências Sociais. Neste início, o curso de Relações Internacionais terá nove professores do PPGRI e docentes visitantes. À medida que o número de turmas aumentar serão realizados concursos para a contratação de professores.

Da grade curricular fazem parte disciplinas como Português, Língua Estrangei-

ra, Estudos da Guerra e da Paz, Pensamento Político, Política Externa Brasileira e Política Internacional. Segundo Gonçalves, o mercado de trabalho para um profissional da área é difuso. Ele explica que, com a internacionalização das empresas brasileiras, algumas enfrentam dificuldade com relação à cultura local – assim os profissionais de relações internacionais, por possuírem noções gerais de ciência política, economia e de mundo, têm conseguido chances de trabalhar em vários setores.

O professor destaca também que o Brasil tem se projetado como um ator global nas relações internacionais: “Não se pode tomar decisões relativas a meio ambiente e energia, por exemplo, sem que o Brasil participe. As expectativas de crescimento da economia têm aumentado, com um mercado interno que atrai investimentos de todas as partes. Em virtude de um certo isolamento histórico, explicado em grande medida pela geografia, nos acostumamos a ligar relações internacionais à diplomacia e ao direito internacional. Mas hoje a própria diplomacia sente cada vez mais necessidade de recorrer a profissionais das diversas áreas de atuação. Os diplomatas são profissionais da negociação política e precisam do assessoramento de profissionais especializados que conheçam temas internacionais”.

Professora do Departamento de História e do PPGRI, a Sub-reitora de Graduação, Lená Medeiros, destaca a qualidade do corpo docente: “O curso tem uma *expertise* muito grande porque, ao contrário de outras áreas do conhecimento, surge após já termos especialização e mestrado na área. A graduação terá uma equipe de professores altamente qualificada e que pensou em conjunto na elaboração do curso. Não tenho dúvidas de que a Universidade vai se tornar uma referência. Para mim, em particular, que entrei na UERJ como professora de Relações Internacionais, é uma satisfação enorme”.

Atualmente, o Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais mantém parcerias com instituições de ensino da Alemanha, de Portugal e com as universidades Torcuato di Tella e Nacional de Rosario (Argentina). A expectativa é que futuramente os alunos da graduação também sejam beneficiados por esse trabalho compartilhado.

A Editora da UERJ na era digital



Com o desenvolvimento das novas tecnologias e a massificação de *gadgets* digitais de leitura, como o iPad e o Kindle, o mercado editorial começou a perceber a necessidade de investir em novas formas de publicar e lançar suas obras. Os e-books (livros digitais) surgiram em 1971, antes do aparecimento dos aparelhos leitores, por iniciativa do norte-americano Michael Hart, que digitou toda a Declaração de Independência dos Estados Unidos e a disponibilizou na internet gratuitamente. Hart também foi o fundador do Projeto Gutenberg, que reuniu um grupo de pessoas dispostas a digitalizar, arquivar e distribuir obras de modo gratuito na rede.

Na última década, a leitura de livros que podem ser comprados ou acessados na Internet avançou bastante, com algumas editoras lançando os seus próprios leitores digitais. Seguindo esta tendência, a partir de 2011 a EdUERJ começou a trabalhar em um projeto digital para enfrentar as novas situações gradativamente impostas pelo mercado editorial. Criada em maio de 1994, a editora da Universidade se prepara agora para digitalizar alguns títulos do seu catálogo e para diversificar suas formas de venda, buscando maior presença nacional e internacional. O professor Italo Moriconi, editor executivo da EdUERJ, destaca três pontos principais nesta primeira etapa do projeto: 1) a venda de livros online, com a facilidade do pagamento por cartão de crédito; 2) a digitalização de obras já esgotadas; 3) a produção e edição de e-books com o selo EdUERJ.

A venda de livros pelo site da Editora já existe, mas apenas via reembolso postal mediante pagamento em boleto ban-

cário. Como o projeto prevê a venda de livros com cartão de crédito, isso tornará a compra mais cômoda e possível em qualquer lugar do Brasil e do mundo. Essa etapa está em fase avançada, tanto em relação às aplicações técnicas dos ajustes no site da EdUERJ como no que diz respeito aos contratos com fornecedores.

A apresentação de textos em PDF, outro item do projeto, tem como objetivo fazer uma triagem no catálogo da editora para oferecer livros com edições esgotadas, mas que ainda tenham demanda, e manuais importantes para áreas como Medicina e Direito. A Editora ainda está avaliando se os livros serão oferecidos gratuitamente ou se serão pagos, mas as discussões caminham para uma solução híbrida – manter a função de uma editora universitária, que é difundir o conhecimento, e ao mesmo tempo ter eficiência comercial que permita maior reinvestimento e menor demanda para os cofres públicos. Atualmente, 30% da renda anual da EdUERJ vem da venda de livros, o restante é proveniente de recursos do estado. Os livros a serem lançados serão vendidos no todo ou em partes (parágrafos ou capítulos). O primeiro título a ser digitalizado e disponibilizado em PDF pela EdUERJ será *Políticas de integração curricular*, da professora Alice Casimiro, do Departamento de Estudos Aplicados ao Ensino da Faculdade de Educação da UERJ, previsto para ser lançado em março de 2013. O último item do projeto, a produção de e-books, segundo o professor Ítalo, “ainda não se encontra em nosso horizonte imediato e está se revelando um pouco mais complicada até para as editoras comerciais.”

Lançamentos da Editora

A EXPERIÊNCIA OPACA: LITERATURA E DESENCANTO

Florencia Garramuño

A obra discute a arte moderna, as expressões do modernismo e a literatura dos anos 70/80, colocando lado a lado produções brasileiras, argentinas, chilenas e a arte pós-ditaduras, sem deixar de fora outras literaturas.



VOZES DA EDUCAÇÃO: FORMAÇÃO DE PROFESSORES, NARRATIVAS, POLÍTICAS E MEMÓRIAS

Mairce da Silva Araújo e Jacqueline dos Santos Moraes (org.)

Resultado do IV Seminário Vozes da Educação: Formação de Professores, Narrativas, Políticas e Memórias, realizado na Faculdade de Formação de Professores em agosto de 2010, a publicação comemora os 15 anos de existência do projeto Vozes da Educação. O livro reúne 13 artigos produzidos por 16 pesquisadores brasileiros e estrangeiros que analisam a formação docente.



HISTÓRIAS DE VIDA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: DIÁLOGOS ENTRE BRASIL E PORTUGAL

Inês Ferreira de Souza Bragança

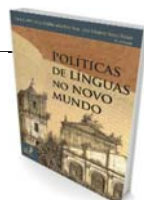
Em um exercício metanarrativo e em uma perspectiva de investigação, a autora conduz o leitor ao encontro de pessoas que, falando de si, também falam de nós: docentes de Portugal e do Brasil relatam com detalhes experiências da arte de lecionar.



POLÍTICAS DE LÍNGUAS NO NOVO MUNDO

Consuelo Alfaro Lagorio, Maria Carlota Rosa e José Ribamar Bessa Freire (org.)

O livro traz trabalhos de pesquisadores de renome internacional que têm se dedicado ao estudo das várias línguas indígenas das Américas. Por conter teses inovadoras dos diversos aspectos da historiografia linguística é uma contribuição importante para esse campo de pesquisa.



DIREITOS HUMANOS E SUAS INTERFACES NAS POLÍTICAS SOCIAIS

Maria Cristina Leal e Silene de Moraes Freire (org.)

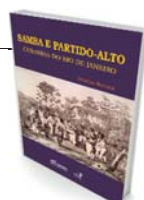
A relevância maior do livro consiste na necessidade de socializar e dar continuidade ao desenvolvimento de um intercâmbio sobre a produção acadêmica em diferentes países da América Latina, de modo a manter e ampliar um fórum permanente de discussões sobre a temática dos direitos humanos e das políticas sociais.



SAMBA E PARTIDO-ALTO: CURIMBAS DO RIO DE JANEIRO

Denise Barata

Representa uma renovação da literatura sobre as culturas da diáspora africana nas Américas, especificamente no Rio de Janeiro. Mostra que a tradição do partido-alto – em sua oralidade, sua natureza de improvisação e seu movimento – expressa um tipo de conhecimento e uma maneira de ensinar e aprender trazidos da África e mantidos em muitas comunidades do Rio de Janeiro.



INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS COM NECESSIDADES ESPECIAIS (2ª ED.)

Rosana Glat e Marcia Denise Pletsch

O livro reúne estudos sobre processos socioeducacionais no contexto da implementação das políticas de inclusão escolar em diferentes sistemas educacionais do estado do Rio de Janeiro. Apesar da delimitação geográfica, há pontos em comum com políticas de outros estados e de seus respectivos municípios.



LITERATURAS DA FLORESTA: TEXTOS AMAZÔNICOS E CULTURA LATINO-AMERICANA

Lúcia Sá

As quatro partes do livro correspondem às quatro tradições da planície amazônica que tiveram maior influência na obra de autores sul-americanos: macro-caribe, tupi-guarani, sistema tukano-arauaque do Alto Rio Negro e arauaque ocidental. Em cada uma das partes, o capítulo de abertura trata dos textos indígenas correspondentes.



GEOGRAFIA CULTURAL: UMA ANTOLOGIA (VOL. 1)

Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl (org.)

Trata-se de um resgate de textos sobre a dimensão espacial da cultura, publicados pela EdUERJ nos livros da mesma coleção, e contempla o leitor com um conjunto dedicado à pluralidade temática. Apresenta artigos não apenas sobre história, mas também sobre conceitos e proposições em geografia cultural que devem ser fundamentais em qualquer antologia, ao remeter à trajetória do campo da dimensão espacial da cultura.



ÉTICA E PESQUISA COM POPULAÇÕES VULNERÁVEIS

Stella R. Taquette e Célia Pereira Caldas (org.)

Fomenta a discussão sobre os limites éticos atuais do trabalho com populações vulneráveis. Os textos concentram a atenção na pesquisa com essas populações, mas abordam vários outros dilemas do trabalho nas áreas de biologia e saúde. Está voltado para acadêmicos e especialistas, assim como para todos os interessados no debate sobre os rumos da ciência no Brasil.



TRABALHO DOCENTE E EXPANSÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRA

Deise Mancebo e João dos Reis Silva Júnior (org.)

O livro busca explicação para dois fenômenos interligados: o trabalho de professores e a mudança na educação superior. Os autores, cada um à sua maneira e tratando de subcampos específicos da educação superior, mantêm uma unidade temática expressiva, seguindo caminhos metodológicos oportunos, consistentes e articulados.



EDUCAÇÃO POPULAR, MOVIMENTOS SOCIAIS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: OUTRAS QUESTÕES, OUTROS DIÁLOGOS

Marcia Soares de Alvarenga, Renato Emerson Nascimento, Domingos Nobre e Paulo Roberto Raposo Alentejano (org.)

As reflexões apresentadas e desenvolvidas nos campos da educação popular, dos movimentos sociais e da formação de professores são mediadas pela polifonia, pela diversidade de perspectivas e práticas políticas educativas/sociais sobre a ideia de que a educação de caráter popular é construída pelos próprios sujeitos nos processos por eles engendrados.



COLEÇÃO CIRANDA DA POESIA

Dando continuidade à coleção, cinco poetas têm os seus poemas lidos por autores contemporâneos: Roberto Piva por Sergio Cohn, Nathalie Quintane por Paula Glenadel, Ghérasim Luca por Laura Erber, Afonso Henriques Neto por Marcelo Santos e Salgado Maranhão por Iracy Conceição. A coleção é coordenada pelo professor Italo Moriconi, editor executivo da EdUERJ, com a participação de um conselho formado pelos professores Diana Irene Klinger (UFF), Masé Lemos (UERJ), Marcos Siscar (Unicamp) e Viviana Bosi (USP).



Primeira mulher contra-almirante da Marinha considera a UERJ sua segunda casa

Em novembro de 2012 a presidente Dilma Rousseff promoveu a primeira mulher ao posto de contra-almirante da Marinha: a médica formada pela UERJ Dalva Maria Carvalho Mendes, de 56 anos. O posto é o terceiro na hierarquia da Marinha, simbolizado por duas estrelas, e Dalva é a primeira mulher da história a ocupar um cargo de oficial general das Forças Armadas brasileiras.

A contra-almirante lembra com carinho da época em que estudou na Universidade. Ela se formou em Medicina em 1979, na mesma turma da hoje deputada federal Jandira Feghali e da hoje professora da Faculdade, Denise Monteiro. “A turma reuniu várias pessoas maravilhosas. Uma vez por ano nós fazemos um encontro, mas há uma série de pré-encontros anteriores”, brinca. Dalva conta que sempre quis ser médica: “Nunca tive dúvidas do que eu queria ser. Quando comecei a pensar em ser alguma coisa, pensei na Medicina”.

Na época em que ser professora era o auge da carreira feminina, diz Dalva, atuar como médica parecia um sonho distante. Sua mãe, com o intuito de garantir o futuro da filha, incentivava a carreira docente, mas a Medicina falou mais alto. Anos mais tarde, depois de formada, Dalva seguiu os passos recomendados pela mãe e exerceu a docência como preceptora de anestesia. “As minhas duas grandes casas são a Marinha e a UERJ. O lugar onde a gente estuda, onde obtemos nossa formação, nunca esqueçamos”, diz. Para a contra-almirante os anos na Universidade foram especiais. Dalva ini-

ciou o curso de residência médica na UERJ e conta que foi na Instituição que aprendeu a anestesia, não apenas a técnica anestésica, mas a filosofia da especialização: “O Dr. Alfredo Augusto Vieira Portella, que foi meu professor, sempre dizia para ensinarmos também nossos alunos, pois se um dia estivéssemos em uma mesa de cirurgia, teríamos certeza de que seríamos bem anestesiados. É importante que a gente não esconda o tesouro do aprendizado, mas que possamos dividi-lo, passar o conhecimento adiante. Esta é uma filosofia que eu aprendi na UERJ e guardo pra sempre”, recorda.

Carreira Militar

Dalva interrompeu a residência médica na UERJ em 1981 para ingressar na carreira militar, na primeira turma de



mulheres da Marinha. O concurso para o corpo auxiliar feminino da Marinha foi criado em 1980, com vagas para praças (nível técnico) e oficiais (nível superior). A Marinha foi a primeira força militar a abrir concurso para as mulheres. Do primeiro concurso participaram mais de dez mil candidatas, das quais 540 foram aprovadas, entre oficiais e praças. Dalva diz que a repercussão da abertura de vagas para mulheres na Marinha foi enorme. “Da mesma maneira que existe essa curiosidade em torno da primeira mulher almirante, também houve uma comoção em torno da primeira turma de mulheres a entrar na Marinha. Só que na ocasião éramos muitas e agora sou só uma”.

Ela lembra que a possibilidade de mulheres serem admitidas na carreira militar era inimaginável até aquele momento: “A Marinha foi a primeira a abrir concurso graças à visão vanguardista do então ministro da Marinha, Almirante Maximiano da Fonseca, que criou o Corpo Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha. Alcançar o posto de generalato, que é um cargo difícil de conseguir também entre os homens, demonstra que o sonho do Almirante deu certo e isso é muito gratificante”.

Mulheres no poder

A contra-almirante cita Albert Einstein para explicar a passagem das mulheres pelos cargos de poder: “Algo só é impossível até que alguém duvide e prove o contrário”. Para ela, tudo fez parte de uma trajetória que começou há muito

tempo: “Hoje as mulheres têm consciência do seu valor. Sabemos que podemos, temos valores que são inerentes à nossa própria condição de mulher, somos donas da vida e disciplinadoras. Ternas, porém firmes, porque se não fosse assim não conseguiríamos criar nossos filhos”, diz.

Médica e militar com 31 anos de carreira, mãe de dois filhos, Dalva explica que sempre recebeu ajuda do seu marido na criação dos filhos: “Nós, mulheres, temos o costume de assumir e colocar nos nossos ombros toda a responsabilidade. Mas quando constituímos uma família é para que todos se ajudem. O companheiro é aquele que caminha junto e que divide as responsabilidades e os trabalhos. Antigamente as divisões eram diferentes porque a mulher ficava em casa, mas atualmente não é assim. Trabalhamos e contribuimos financeiramente nas despesas domésticas – nada mais justo, então, que homens e mulheres dividam a responsabilidade do lar”. Viúva, Dalva observa que seu marido, engenheiro, foi um grande companheiro ao dividir as responsabilidades com ela: “Os extremos normalmente não dão muito certo. O grande segredo da vida é o equilíbrio. Quando você o tem consegue seguir pelo caminho do meio. O equilíbrio faz com que a vida seja bonita e possa ser bem vivida”.

Entrando agora em outra fase da vida, com os filhos criados e encaminhados profissionalmente, a contra-almirante está preparada para assumir as novas responsabilidades do cargo: “É como disse em outras entrevistas – agora estou casada com a Marinha”.

Obituário

Intelectual que militou na política e na administração pública

O título da matéria na versão online do jornal *Folha de S. Paulo* em 11 de dezembro de 2012 registrando a morte do professor, psiquiatra, advogado e escritor Humberto Leopoldo Magnavita Braga o descreveu assim: escritor de seu próprio obituário. Ele deixou em livro registros dos fatos marcantes da sua vida, confessando que o seu desejo era de que aquelas linhas fossem publicadas após a sua morte. Para o jornalista Pedro do Coutto, Humberto Braga “aproximou-se dos 90 anos e exerceu uma vida trepidante, plena de embates e situações difíceis. Mas sempre foi fiel a si mesmo, um intelectual que a política e a administração pública talvez tenham desviado da arte de escrever”.

Professor adjunto da Faculdade de Ciências Econômicas da UERJ, Humberto Braga começou a dar aulas em 1970 até



a sua aposentadoria em 1995. Além da carreira acadêmica foi conselheiro do Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro (TCE), no qual esteve na presidência no biênio 1993-1994. Como escritor, publicou livros – como *O Oriente é vermelho* (1978), *Juízo e circunstância* (1987), *Quatro grandes mitos humanos* (1992) e *Carta a um amigo: a vida depois da morte* (1995) – e também inúmeros artigos em coletâneas, revistas e jornais do Rio de Janeiro, de São Paulo e da Bahia. Membro da Academia Carioca de Letras recebeu várias medalhas, entre as quais a Ordem de Rio Branco, grau de oficial, em 1998. Humberto Braga morreu no dia 7 de dezembro de 2012 aos 85 anos. Era baiano, casado com Megan de Vincenzi Braga, pai de Ana Cristina e Ana Cecília, avô de Tatiana, Eduardo e Ana Luiza e bisavô de Theo.

Maqua, da Oceanografia, celebra 20 anos com exposição de mamíferos aquáticos do litoral fluminense

Golfinhos nadando próximos à Ponte Rio-Niterói, orcas no entorno do Pão de Açúcar e na praia do Leblon são algumas das cenas fotografadas pelos pesquisadores do Laboratório de Mamíferos Aquáticos e Bioindicadores (Maqua), da Faculdade de Oceanografia, que estão na exposição “Rio, Mar de Golfinhos”. A mostra faz parte das comemorações das duas décadas do Laboratório e reúne acervo de 28 imagens e vídeos recentes dos mamíferos nas baías de Guanabara, Sepetiba e Ilha Grande, além de carcaças e réplicas de baleias e golfinhos em tamanhos reduzido e natural.

O destaque da exposição interativa é o boto-cinza, símbolo da cidade do Rio de Janeiro (estampado no brasão da bandeira do município) e um dos objetos de pesquisa do Maqua. Graças à identificação e a pesquisas do Laboratório, o mamífero passou a integrar a lista das dez espécies mais ameaçadas de extinção do estado do Rio de Janeiro, elaborada pela Secretaria do Estado do Ambiente (SEA), e a fazer parte da campanha “Defenda as espécies ameaçadas – Abrace essas dez!” pela preservação desses animais.

Para um dos coordenadores do Maqua, professor José Lailson Brito Junior, a conscientização da população sobre a importância da preservação do mar e dos seus habitantes é a principal finalidade da exposição, que tem o apoio do Instituto Estadual do Ambiente (Inea) e da SEA: “Nosso intuito é mostrar por meio de imagens que os golfinhos e as baleias estão mais próximos da gente do que realmente pensamos. Pretendemos usá-los como ‘agentes de aproximação’, para que as pessoas olhem mais para o mar e vejam a importância da sua conservação para o ambiente marinho”.

Atualmente, a população de botos da baía de Guanabara não passa de 50 animais, bem diferente da situação nas décadas de 60 e 70, quando era fácil avistar os mamíferos no mar. Na inauguração da exposição em dezembro o Secretário de Estado do Ambiente, Carlos Minc, informou que muitos botos morrem porque ficam presos em redes de pescadores, principalmente durante a noite: “Vamos fazer um trabalho de conscientização dos



pescadores para que não joguem redes nas áreas onde vivem os animais, já que essa é a principal causa de captura e morte dos botos-cinza”.

Para ajudar na preservação desses animais, o Reitor Ricardo Vieiralves e o Secretário Minc anunciaram o projeto de instalação de sensores próximos às baías de Guanabara, Sepetiba e Ilha

Grande, que vão fazer pesquisas de monitoramento sonoro para identificar as principais áreas onde estão os botos e como eles se movimentam. Os sensores também vão medir a poluição, que dificulta a comunicação entre os mamíferos por ondas sonoras. Os cinco sensores começam a ser instalados em março, um deles na área de proteção ambiental pró-

xima a Guapimirim, para monitoramento e controle. O projeto reúne UERJ, SEA e INEA e tem verba de R\$ 500 mil, proveniente de compensação ambiental de uma usina a gás da Petrobras. A parceria foi destacada pelo Reitor na inauguração da exposição em dezembro: “Juntos trouxemos a preocupação com a qualidade de vida e identificamos, lamentavelmente, que o símbolo da bandeira do Rio de Janeiro e do antigo estado da Guanabara está ameaçado de extinção”. Para Carlos Minc, “a UERJ é nossa principal parceira no estado. Este trabalho com o Inea e o Maqua é muito importante para a preservação do boto-cinza e de mamíferos marinhos”.

O Reitor acredita que a mostra serve como “um alerta para que a comunidade tome conta do nosso ambiente. Estamos criando uma cultura de cuidado com mamíferos aquáticos, do qual depende a sua preservação”. A diretora da Faculdade de Oceanografia, Ana Lúcia Travassos Romano, concorda: “Esta exposição demonstra a proximidade de golfinhos e baleias com a região metropolitana densamente povoada. Às vezes nos esquecemos até de olhar o mar, mas esses animais estão muito próximos e é comovente pensar que eles sobrevivem apesar do grande acúmulo de resíduos em qualquer grande centro. A visita à exposição contribui para conscientizar a população”.

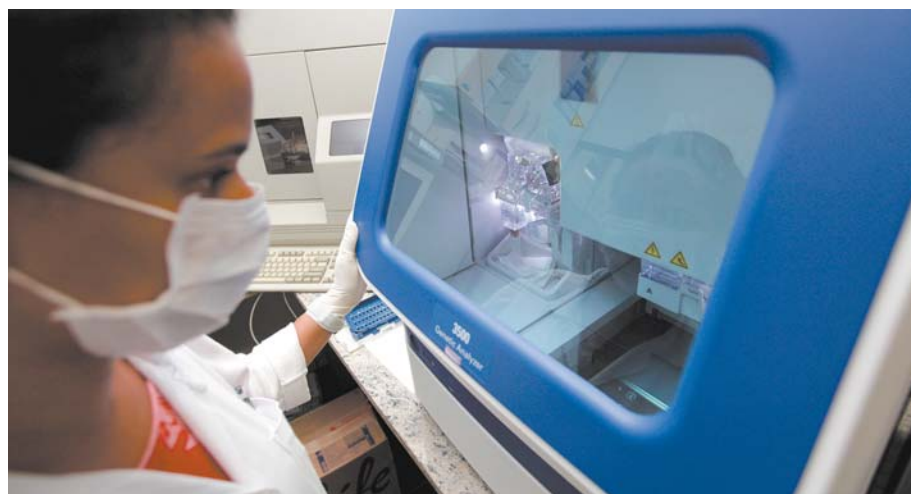
Estiveram presentes à inauguração a vice-presidente do Inea, Denise Rambaldi, a Sub-reitora de Extensão e Cultura, Regina Henriques e a diretora do Centro de Tecnologia e Ciência, Maria Georgina Muniz Washington, entre outras autoridades. Na cerimônia de abertura da exposição cerca de 30 alunos da Escola Municipal Julia Lopes, do Morro dos Prazeres, em Santa Teresa, cantaram, receberam instrução sobre as dez espécies ameaçadas de extinção e foram os primeiros a ver a mostra. A exposição está aberta para visita até o final de fevereiro, de segunda a segunda, das 9h às 17h, no Encontro das Águas – Espaço do Ambiente, que fica na Lagoa Rodrigo de Freitas (Av. Borges de Medeiros, nº 1.444, ao lado do Parque dos Patins).

Ciência forense, um serviço da Universidade para a comunidade do estado

Qualificação profissional, atualização tecnológica e intercâmbio científico são as principais características do Laboratório de Diagnósticos por DNA da UERJ. Criado em dezembro de 1996, ele se destaca pela realização de perícias criminais, judiciais e de paternidade e pelo estudo da estruturação do patrimônio genético da população brasileira. Coordenado pelo professor Elizeu Fagundes de Carvalho, o Laboratório de Diagnósticos por DNA desenvolve projetos na área da segurança pública com incentivos da Faperj, do Tribunal de Justiça e do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro. O professor Elizeu explica que o Laboratório foi criado “por uma provocação do Tribunal de Justiça”, para oferecer o serviço à população que não tinha condições financeiras de fazer esse tipo de exame.

Na década de 1990 o DNA era ainda pouco utilizado pela Justiça, um tipo de exame acessível apenas em laboratórios privados, com um custo de aproximadamente US\$ 2.000. Ao constatar a necessidade cada vez mais frequente desse tipo de exame, o Judiciário local firmou um convênio com a UERJ para que análises e perícias forenses e criminais fossem realizadas pelo laboratório da Universidade, de forma a atender adequadamente a grande demanda por investigações de vínculo genético e criminal no estado do Rio de Janeiro. Segundo o professor Elizeu, essa parceria se deve à “credibilidade que o Laboratório passa para a sociedade por ser da Universidade”. Desde a sua criação em 1996 até o final de 2012 o Laboratório realizou mais de 55 mil perícias forenses, criminais e testes de DNA. Atualmente o foco do Laboratório concentra-se na análise de paternidade, atendendo a área criminal apenas quando acionado pelo Ministério Público ou em casos que demandam a realização de contraprovas judiciais.

Nos anos imediatos à criação do Laboratório, as partes interessadas nos processos judiciais de todas as comarcas do Estado do Rio de Janeiro precisavam comparecer à UERJ para fazer a coleta do material biológico. Como a frequência era muito baixa, em torno de 30%, surgiu a proposta de o Laboratório se deslocar para cidades no interior do estado e assim fazer as coletas. Para o professor Elizeu, “não há como apenas oferecer o serviço: temos que melhorá-lo constantemente, levá-lo onde for



necessário”. A partir desses deslocamentos, o comparecimento das partes chegou a 100% dos atendimentos (ver mapa abaixo com todos os locais de coleta do Laboratório apresentados por regiões).

No Laboratório de Diagnósticos por DNA foi constituído o grupo de pesquisa do CNPq intitulado Genética de População e Forense, também sob a coordenação do professor Elizeu Fagundes. O grupo realiza pesquisas genéticas por meio da análise de marcadores polimórficos do DNA, ou seja, de regiões do DNA que são diferentes de um indivíduo para o outro. Os estudos do grupo mostram as contribuições de ameríndios, portugueses e africanos na formação do patrimônio genético da população brasileira. Os projetos desenvolvidos por essa equipe são colaborativos e envolvem alunos de graduação, pós-graduação, professores e pesquisadores. Oferecem dessa maneira uma formação continuada de recursos humanos especializados na área forense, especialmente a relacionada a investigações criminais em órgãos de segurança pública de diferentes estados. O grupo também participa de projetos que envolvem universidades no Brasil e no exterior (Portugal, Alemanha e Argentina) e órgãos de segurança pública de diferentes estados. Desde 1996 o Laboratório está associado à Sociedade Internacional de Genética Forense, o que lhe garante respeitabilidade e excelência científica na área.

A filiação à Sociedade Internacional, ligada ao Ministério da Justiça da Espanha, permite que o Laboratório de Diagnósticos por DNA da UERJ realize anualmente exercícios de controle de qualidade para atestar que o trabalho desenvolvido na Universidade está de acordo com as normas internacionais. O cumprimento dessas normas possibilita que amostras sejam testadas e confirmadas em qualquer Laboratório do mundo, pois os materiais utilizados nos testes (como os reagentes químicos) são universais. Toda a estrutura do Laboratório obedece às exigências da genética forense, que são: segredo de justiça, preservação das identidades das partes envolvidas nas perícias e uso de técnicas modernas de análise de DNA. Esse processo contribui para a criação de um banco de dados que pode permitir a identificação do perfil genético de um criminoso, por exemplo, auxiliando as investigações da polícia.

MAPA DE DIVISÃO REGIONAL - ESTADO DO RIO DE JANEIRO

